

A PINTURA DECORATIVA DO PALÁCIO DO RAIO EM BRAGA

Miguel Montez Leal

Esta comunicação traz a lume um edifício bracarense sobejamente conhecido pela sua qualidade arquitectónica, o Palácio do Raio¹, um dos principais da arquitectura civil do Norte de Portugal, de estilo rococó, mas do qual pouco se sabia da sua pintura decorativa executada nos finais do século XIX.



Fig. 1 – Fachada do Palácio do Raio, Braga. Foto de Luís Ferreira Alves.

Nestas breves linhas iremos apresentar essa encomenda, estudar a sua pintura decorativa e os exemplos de pintura de paisagem, de pintura heráldica, de ornatos e *trompe l'oeil* da autoria do pintor Pereira Cão² presentes

¹ vide Eduardo Pires de Oliveira e Libório Manuel Silva, *Braga de André Soares*, Centro Atlântico Limitada, Vila Nova de Famalicão, Maio de 2014, pp.54-57.

² Sobre Pereira Cão, vide: ANTT – Coleção Castilho. cx 2, mçt 1, doc. 7, não numerado e cx 5, mçt 1, nº 41, não numerado; João Manuel Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues – *Portugal, Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Bibliográfico, Numismático e Artístico Ilustrado*. Lisboa: João Romano Torres, 1904-1915, Vol. V; Bibliografia: Fran Paxeco – *Setúbal e as Suas Celebidades*. (s.l.): Oficinas S. N. de Tipografia, 1931; Óscar Paxeco – *Roteiro do Tríptico de Luciano*. Lisboa: Neogravura, 1957; *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa: Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, (s.d.), Vols. 5, 6 e 21; Fernando Pamplona – *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses ou que Trabalharam em Portugal*. Lisboa: Oficina Gráfica Limitada,

nesse edifício, assim como avaliar o impacto que esta teve na época na cidade de Braga.



Fig. 2 – Retrato a óleo de Pereira Cão, 1888, da autoria de Félix da Costa. Colecção particular.
Foto de Miguel Montez Leal.

1957. Vol.4; Michael Tannock– *Portuguese 20th Century Artists. A Biographical Dictionary*. (s.i.): West Sussex, Philimore & Co Ltd., 1978; Miguel Montez Leal – “Cinatti, Rambois e Pereira Cão e a Pintura Decorativa do Palácio Angeja-Palmela no Paço do Lumiar”.. *Espacio, Tiempo y Forma Historia del Arte*. 18-19(2005-2006) pp. 195-207. (Serie VII); Miguel Montez Leal – Pereira Cão e a Pintura Decorativa da Cúpula dos Paços do Concelho de Lisboa. Ar: *Cadernos de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa*.6 (2006) pp. 138-143; Miguel Montez Leal– *A Pintura a Fresco entre Dois Séculos: Pereira Cão (1841-1921) e a Pintura Decorativa em Portugal*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2006. Tese de Mestrado em História da Arte Contemporânea (policopiada); Miguel Montez Leal– “A Pintura Decorativa do Palacete Alves Machado: um estudo de caso”. In *A Casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro* (séculos XVII, XVIII e XIX), Anatomia dos Interiores. Lisboa: Instituto de História de arte da FCSH – Universidade Nova de Lisboa; Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes, 2014. pp. 502-515; LEAL, Miguel Montez – “Manini e Pereira Cão. Cenografia e Pintura Decorativa no Palácio da Bolsa do Porto”. In *Congresso o Porto Romântico*, 2, 2014 – *Actas do II Congresso o Porto Romântico*.2014; Miguel Montez Leal– “O Programa Decorativo Azulejar do Pintor Pereira Cão para o Pátio do Palácio da Rosa, Propriedade dos Marqueses de Castelo Melhor”. In *Congresso Internacional A Casa Nobre: um Património para o Futuro*, 4, Arcos de Valdevez, 2014 – *Actas do IV Congresso Internacional, a Casa Nobre: um Património para o Futuro*.2014; Miguel Montez Leal– “Palácios Oitocentistas em documentação inédita de Júlio de Castilho”. In *A Cidade de Évora, Boletim de Cultura da Câmara Municipal de Évora*, III Série, Nº 1, 2016. pp. 166-175.

Discípulo de Cinatti e Rambois, formado na Academia Nacional de Belas Artes, é autor de uma obra muito vasta³ no âmbito da pintura decorativa (a

³ Vejamos uma listagem longa da sua obra. Na obra pública, do Estado ou da Igreja podemos mencionar: no Palácio da Ajuda (os restauros e novos trabalhos de decoração); na biblioteca da Ajuda, a decoração das três salas; no Palácio das Necessidades (os restauros das paredes da sala de jantar); nas antigas Cortes (actual Palácio de S. Bento), pintou a Câmara dos Deputados, o Gabinete da Presidência e a Sala do Bufete; no Palácio do Alfeite (o tecto da sala de jantar); nos Paços do Concelho de Lisboa (a cúpula e os tectos do Salão Nobre); no Supremo Tribunal de Justiça; no Tribunal da Relação; no Hospital de S. José (o vestíbulo); na Igreja da Graça; na Igreja do Campo Grande (dos Santos Reis) e capelas do mesmo templo; nas Igrejas da Ajuda e dos Santos Fiéis de Deus; na Igreja de São Roque (restauros); o retábulo da Igreja de S. Jorge de Arroios; na Igreja dos Mártires; na Capela do Amparo (em Benfica); na Capela do Santíssimo de Santa Isabel; na Capela de São Pedro (em Caneças); na Igreja do Seixal; na Capela da Graça (em Benavente); na Igreja de S. Vicente (em Braga); na Igreja de Santa Cruz (em Braga); na Capela de São Pedro (em Palmela); na Capela de São Saturnino (em Fanhões); no Santuário da Carreçosa; na capela do Palácio Calheiros (em Ois do Bairro) e em muitos outros trabalhos. No âmbito das encomendas particulares: nos palácios dos Duques de Palmela, ao Calhariz, no Lumiar e em Azeitão; no de D. Luís Carneiro, irmão do Conde de Cavaleiros (à Anunciada); no Palácio de Joaquim Pereira da Costa (Visconde de Coruche); no Palácio de Bessone e de Iglésias no Largo da Biblioteca, em Lisboa; no Palácio do Conde de Fontalva (António Lopes Ferreira dos Anjos), a S. Mamede; no Palácio do Marquês de Viana, ou Marquês da Praia e Monforte (no Largo do Rato, em Lisboa); no Palácio de Flamiano Anjos (à Praça dos Restauradores); no Palácio do Conde da Penha Longa e Olivais (ao Pau da Bandeira, em Lisboa); no Palácio Alves Machado, depois Cerqueira (na Rua do Salitre, em Lisboa); no Palácio do Dr. Rebelo da Silva (o antigo palácio do Conde da Silvã), a S. Sebastião da Pedreira, em Lisboa; no Palácio da Luz; no Palacete de José Ribeiro da Cunha (pai), na Praça do Príncipe Real, em Lisboa; na casa de José da Costa Pedreira (no Príncipe Real); na casa de Antunes Basto (na Avenida da Liberdade); na casa de José Félix da Costa (na Avenida da Liberdade); na casa de João Ferreira Lopes (na Avenida da Liberdade); na casa de José Rodrigues da Silva (na Avenida da Liberdade); no Palacete de Cipriano Calleya (na Avenida da Liberdade, em Lisboa); no Palacete da Baronesa Samora Correia (na Avenida da Liberdade); no palacete do barão de Almeida Santos (a S. Pedro de Alcântara); na casa de António Francisco Ribeiro Ferreira (na Rua Barata Salgueiro); no Palácio do Largo das Duas Igrejas (que pertenceu a José Nunes Teixeira); nos dois palacetes do conselheiro Morais Carvalho (na Rua Mouzinho da Silveira); no palacete de D. Andreolina Gomes dos Santos (na Rua D. Pedro V); no Palacete do Comendador José Nunes Teixeira (antigo Palácio Pinto Basto, no Largo do Chiado, em Lisboa); nos Palacetes Sampaio e Ribeiro Ferreira (na Rua do Salitre); na Casa Sampaio (na Rua do Salitre, em Lisboa); no Palacete Alto Mearim (contíguo ao palacete Alves Machado, na Rua do Salitre); na casa de João Paulo Cordeiro (ao Chiado); no palacete Alves de Sá (a S. Caetano, em Lisboa); na casa de Francisco Simões Margióchi (a S. Caetano); no Monte Estoril, decorou o chalet de Carlos Anjos, depois Sommer e o chalet de Alberto Monteiro (denominado Telha Verde); no Palacete e capela do Dr. Oliveira Feijão (médico particular do Rei D. Carlos), na quinta da Mafarra, Azóia, em Santarém; na capela do negociante Alexandre da Silva Telhada (em Santarém); no Palácio da Condessa de Junqueira (em Almeirim, na Quinta da Alorna); no Palacete do Dr. Costa Lobo, na Rua dos Coutinhos, em Coimbra; no Paço do Bispo-Conde, em Coimbra; no Palacete do estadista Lopes Branco (na Maiorca, Figueira da Foz); no Palacete do Largo do Carmo (em Braga); no Palácio do Visconde de S. Lázaro, o Palácio do Raio (em Braga); no Palácio de José Maria Rodrigues Carvalho (em Braga); no Palácio do Dr. João Evangelista de Sousa Torres e Almeida (próximo do Bom Jesus, em Braga); no Palácio do Dr. Francisco de Campos (na Praça de Santana); no Palácio do Dr. João Carlos Pereira Lobato de Azevedo, e no Palácio do Dr. Rasqueja, ambos em Braga; no palácio de José António Gonçalves (em Caldelas); no chalet Barbosa Collen e no chalet Vaz Simões, ambos no Luso; na Casa La-Roque (à Rua de

fresco e têmpera), enquanto decorador, cenógrafo e pintor de azulejos. Através deste pequeno ensaio poderemos entender a sociologia da época, revisitar a segunda metade do século XIX em Portugal, tempo pródigo em pintura decorativa, e resgatar a obra de um autor que merece não cair no esquecimento. Conhecer o Palácio do Raio é viajar no tempo e estudar algumas das páginas esquecidas da história local e da arte em Portugal.

Em 1875, o seu último proprietário privado, Miguel José Raio, morre e em 1882 os seus herdeiros decidem vender este edifício à Santa Casa da Misericórdia de Braga. Ficou assim a pertencer à Santa Casa da Misericórdia de Braga. Passou a integrar o hospital de S. Marcos e o programa assistencialista da instituição. Ao longo do século XX a história deste imóvel é atribulada. Em 1956 passou a ser considerado imóvel de interesse público e passou para a tutela e administração do Estado em 1974. A 28 de Dezembro de 2012 foi oficialmente devolvido à Santa Casa da Misericórdia de Braga. Apenas em 2015



Fig. 3 – Reprodução do retrato a óleo do Visconde de S. Lázaro, existente numa das salas do rés-do-chão do actual núcleo expositivo do Centro Interpretativo das Memórias da Misericórdia de Braga (Palácio do Raio). Foto de Miguel Montez Leal.

Vilar, no Porto); na casa de Tomé Joaquim Dias (em Campanhã); no Palácio da Bolsa (a sanca do vestíbulo), no Porto; no Clube de Beja; na Casa Pia (em Beja); no Palácio Gomes Palma (em Beja); no Palacete do Visconde da Corte (em S. Brissos, arredores de Cuba); no Palacete do Visconde da Esperança (em Cuba); as decorações da firma Biester, Falcão & Cia (em Sines); no edifício O Grande Salão de Recreio do Povo (em Setúbal), em 1907, com a decoração intitulada “Um Sonho Verde”; no Palácio do Visconde de Estói (arredores de Faro e actual Pousada de Portugal); no palacete de Marçal Pacheco, na Quinta da Fonte da Pipa (em Loulé); no Palacete Magalhães Barros (actual Hotel da Bela Vista, Praia da Rocha, Portimão), com tectos da sua autoria e azulejos da autoria do seu genro Victoria Pereira; numa pastelaria da Rua D. Pedro V; na pastelaria Ferrari (no Chiado, perdida no incêndio de 1988); no Teatro Apolo (em Lisboa, demolido em 1956); no Teatro Rosa Damasceno (em Santarém), demolido para ser substituído por um novo teatro, com o mesmo nome, mas de traça modernista; na decoração no depósito das máquinas Singer... No campo da azulejaria: dois painéis, *A Chegada* e *A Partida dos Painéis de Santa Auta*, na Igreja do Convento da Madre Deus; na capela e pátio de honra da quinta da Cardíga, de Luís Sommer; na quinta cartaxense da Fontebela, de António Francisco Ribeiro Ferreira; no Colégio Militar, na Luz; na Casa do Nobel, Egas Moniz; no Palacete Centeno; no palácio Azarujinha; na ribeira do Jamor que atravessa o Palácio de Queluz; no pátio do Palácio da Rosa (dos Marquesses de Castelo Melhor); no asilo do Infante D. Afonso, em Odivelas; na capela e nos jardins do palácio do visconde de Estói; na capela do Casal do Farto (perto da Serra de Mira d’Aire, Torres Novas); na Igreja de Carcavelos; no Hospital de Santa Marta ...

foi aberto à cidade, devidamente restaurado e abrindo como Centro Interpretativo das Memórias da Misericórdia de Braga.

Mas recuemos às primeiras décadas do século XVIII.

A 30 de Novembro de 1720 nascia em Braga, na Rua do Souto, então a principal artéria comercial desta cidade, André Ribeiro Soares da Silva, ou simplesmente André Soares⁴, aquele que viria a ser um dos mais extraordinários “arquitectos” do barroco em Portugal. Desconhecem-se os seus estudos, sabemos que era um homem da Igreja, que debuxava, inspirado por gravuras de importação estrangeira, que circulariam num ambiente e círculo restrito e erudito de Braga.

Em 1752 realiza a encomenda de um palácio para o rico comerciante bracarense João Duarte de Faria e Silva, cavaleiro da Ordem de Cristo, Familiar do Santo Ofício e tendeiro na Porta do Souto. Homem em fulgurante processo de ascensão social, e de grossos cabedais, conhecia André Soares da Irmandade de Santa Maria da Falperra e decide fazer-lhe esta importante encomenda. João Duarte Faria comprou um edifício que mandou demolir e em sua substituição inicia a construção de um palácio. Na época a zona não era ainda muito bem urbanizada, pois ainda não tinha sido aberta a rua que passa defronte do edifício, o que só aconteceu em meados do século XIX.

João Duarte Faria quer afirmar o seu estatuto e dá início à construção do edifício que desde o primeiro momento foi do agrado dos bracarenses. A fachada é como um cenário trabalhando-se a pedra como se fosse talha. A proporção dos vãos, o pórtico subtilmente destacado do edifício, os ornatos que envolvem portas, janelas e varandas, a monumentalidade do edifício, o decorativismo da fachada, a força do seu eixo central, unindo o portal nobre com a varanda-tribuna, a escadaria monumental, a fluidez e circulação interior dos espaços, tudo concorre para que o edifício se afirme e se distinga pela qualidade do seu desenho arquitectónico.

Na varanda-tribuna coloca dois *puttis* que convidam os viandantes a entrar na casa. Na escadaria de aparato coloca um turco que com uma luminária funciona como uma espécie de figura de convite da casa, ao mesmo tempo que vigia o acesso ao andar nobre. Afirma Eduardo Pires de Oliveira que neste edifício “há um lirismo fremente no qual a pedra se transforma em motivos vegetalistas, em que é trabalhada como se de talha se tratasse.”⁵

Exemplo maior do rococó civil português, e sua obra-prima, o Palácio do Raio constitui um caso feliz de arquitectura civil frequentemente comentado, e é uma das principais obras de qualidade de André Soares. O edifício permanecerá nas mãos dos herdeiros de João Duarte de Faria e já no tempo de José Maria Duarte Peixoto mudará de proprietário.

⁴ Vide Eduardo Pires de Oliveira e Libório Manuel Silva, *Braga de André Soares*, Centro Atlântico, Limitada, Vila Nova de Famalicão, Maio de 2014, pp. 30-35.

⁵ *Idem*, p. 54.

A 7 de Março de 1814, quando o Império Napoleónico está muito próximo do seu ocaso, nasce em Braga, na Freguesia da Sé, na Rua da Cruz da Pedra, Miguel José Raio.

Muito novo, Miguel José Raio partirá para o Brasil, após 1822, quando o Brasil já se tornara independente e quando vivia em Império e onde ao fim de muitos anos regressa, mercê dos seus negócios e da sua boa estrela, um homem riquíssimo com uma fortuna feita em Belém do Pará. Volta a Portugal já como um dos brasileiros de torna-viagem. A sua fortuna conquistada a pulso e o seu estatuto social em ascensão crescente necessitam de uma casa à altura. Já em Portugal, fundará o Banco do Minho, juntamente com outros sócios, e apoiará várias instituições de assistência.

A 25 de Maio de 1853 compra a casa a José Maria Duarte Peixoto, herdeiro do primitivo proprietário, como já anteriormente vimos e que lhe desbaratara e dissipara a fortuna. A compra é feita pela quantia de dez contos de reis e José Maria Duarte Peixoto é merecedor de todas as atenções por parte de Miguel José Raio, que permite que este viva naquela que tinha sido a sua casa até ao fim dos seus dias, o que acontece em Janeiro de 1870.

Dez anos depois, em 1863, abrirá a rua que lhe passa defronte, para o edifício assim ficar mais desafogado e poder construir também dois edifícios com jardim gradeado para as suas duas filhas ilegítimas, Gabriela Maria Raio e Adelaide Maria Raio, que ali ficam a viver sob o olhar circunspecto do pai.

Em 1870 e com mais de cinquenta anos, decide empreender grandes obras na casa. São realizadas várias reformas, restauros e alterações. A fachada principal é revestida a azulejaria azul e o remate do edifício é coroado por uma balaustrada em cantaria marcada por fogaréis e ânforas. Nos seus interiores

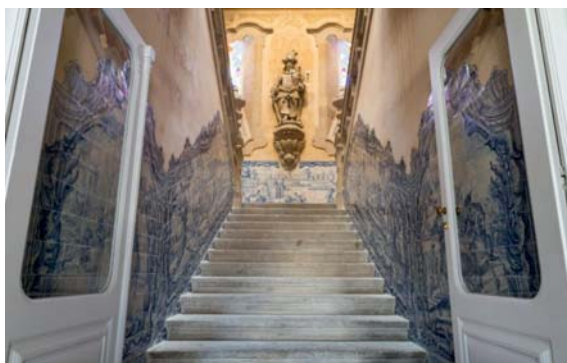


Fig. 4 – Escadaria do palácio do Raio, vendo-se ao fundo a figura do turco. Foto Braga Cool.



Fig. 5 – Pintura da escadaria do Palácio do Raio. Foto de Miguel Montez Leal.

faz-se uma grande encomenda de pintura mural.

A 3 de Dezembro de 1870 Miguel José Raio é agraciado pelo Rei D. Luís I com o título de Visconde de S. Lázaro⁶, inspirado no nome da freguesia (Freguesia de São José de São Lázaro) onde este residia em Braga. Miguel José Raio, grande negociante no Brasil, opulento proprietário em Braga, era também Comendador das Ordens de Cristo e de Nossa Senhora da



Fig. 6 – Pintura da escadaria do Palácio do Raio. Foto de Miguel Montez Leal.

Conceição de Vila Viçosa e cavaleiro da Ordem de Cristo do Brasil. Foram-lhe concedidas armas por Carta de 12-IV-de 1872: escudo partido: 1, de Gonçalves; e 2, de Oliveiras, com coroa de Visconde e timbre de Gonçalves. Miguel José Raio mandará executar as suas armas em pedra lavrada que mandou colocar na parte traseira do seu palácio e que encomendou para a pintura mural da sua casa, tal como veremos adiante.



Fig. 7 – Tectos e cúpula da escadaria do Palácio do Raio. Foto DR.

⁶ Sobre o título de Visconde de S. Lázaro, vide Afonso Eduardo Martins Zúquete, *Nobreza de Portugal e do Brasil*, Editorial Enciclopédia Limitada, Lisboa=Rio de Janeiro, 1961, Volume Terceiro, p. 328.

A pintura, a encomenda, o pintor

Vejamos com mais detalhe a encomenda que o Visconde de S. Lázaro faz e a pista que nos conduz à autoria inegável da sua pintura decorativa.

No período do visconde de S. Lázaro, mais concretamente na década de 70 do século XIX, decorre, como temos vindo a adiantar, uma campanha decorativa que vem enriquecer o conjunto palaciano.

A pista que nos conduz a esta leitura e interpretação deve-se a João Manuel Esteves Pereira (1873-1944), escritor e historiador que, na obra *Portugal, Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Bibliográfico, Numismático e Artístico Ilustrado*, refere a autoria das pinturas decorativas desse edifício. Podemos assim indubitavelmente identificar o autor dessas pinturas como sendo Pereira Cão (Setúbal, 1841; Lisboa, 1921), e não como algumas vezes vem citado em relação a este palácio, “atribuídas a Pereira Cão”. Passamos a citar a passagem em que essa autoria vem claramente enunciada⁷:

“Em seguida áquelle triumpho artístico, o mestre Cinatti, que dedicara o vasto entusiasmo da sua grande alma, durante quase um vinténio, ao discípulo predilecto, indicou José Maria Pereira ao visconde de S. Lázaro, capitalista bracarense, para lhe decorar o sumptuoso palácio. A pintura decorativa, nesse período, ainda se não espargira pelo norte. Superabundavam os estuques, nas residências abastadas. Mas as decorações do solar de S. Lázaro despertaram o gosto dos ricos. O nosso infatigável conterrâneo, que tencionava demorar-se em Braga apenas três meses, regressou ali em diversas ocasiões, a convite, além doutros, dos proprietários – José Maria Rodrigues de Carvalho, que presidiu à Câmara dos Pares, e em cujo palácio admiramos uma escadaria decorada no estilo árabe; dr. João Evangelista de Sousa Torres e Almeida, que gozou, no Palácio dos Castelos, próximo ao santuário do Bom Jesus, esplêndidos trabalhos a fresco; dr. Francisco de Campos no palácio da Praça de Santana, pinturas a óleo; drs. João Carlos Pereira Lobato de Azevedo, que foi governador civil, e Rasqueja, notável advogado. Podem também apontar-se, nas igrejas bracarenses, de S. Vicente e Santa Cruz, os largos tectos da cantaria pintados a têmpera. Esvaidos trinta anos sobre essa exuberância estética, ainda o esforço de José Maria Pereira se não esquecera. Quando o professor e architecto suíço Ernesto Korrodi construiu lá defronte da igreja do Carmo, o palacete Afonso, o dono exigiu que realizasse em pintura a óleo, as decorações das salas, estucadas em vários estilos e da capela, o mesmo artista de requinte, – e Korrodi concordou. Houvesse de igual forma o comerciante Bernardo Martins Sequeira, quanto à decoração da sua vasta casa numa avenida que lhe ostenta o nome, convidando Pereira para pintar a entrada, a óleo, em rigoroso estilo Pompea, a sala Luís XV, e a de jantar, em tapeçaria, com aves, frutos, flores, motivos favoritos do nosso conterrâneo. José António Gonçalves, de Caldelas, possui aí, também decorados por Pereira, uma sala em estilo Renascença, e os quadros da casa de jantar.”

⁷ Vide João Manuel Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues – *Portugal, Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Bibliográfico, Numismático e Artístico Ilustrado*. Lisboa: João Romano Torres, 1904-1915, Vol. V, pp. 635-638.

Como destaca Esteves Pereira, não abundava nesta época a pintura decorativa no Norte de Portugal, mas principalmente os estuques.

O palácio terá uma história atribulada e passará por várias vicissitudes. Dos tempos do Visconde de S. Lázaro, quanto às pinturas decorativas, conserva-se a pintura da entrada nobre e toda a caixa das escadas, e dois tectos no andar nobre, que corresponderiam a antigas salas de recepção.

Não sabemos se existiriam mais tectos pintados ou mesmo se debaixo de alguns tectos contemporâneos ainda se encontram, na totalidade ou parcialmente, vestígios de outros tectos executados por este pintor.

José Maria Pereira Cão (1841-1921), o artista⁸ de que falamos nesta comunicação, dedicou a sua vida à arte e teve um percurso activo de quase sessenta e oito anos. Foi pintor-decorador, cenógrafo, pintor de cavalete e azulejista, considerando-se sempre como um pintor genérico.



Fig. 8 – Vista da escadaria do Palácio do Raio apresentando o escudo heráldico do Visconde de S. Lázaro. Foto de Miguel Montez Leal.

⁸ Percorreu o País do Minho ao Algarve, deixando-nos uma obra imensa que ultrapassa os mais de cem edifícios (sobretudo em palácios e palacetes, igrejas, capelas, santuários e quintas). Amigo de Reis, convivendo com a antiga nobreza e a nova aristocracia surgida com o liberalismo e a Regeneração foi íntimo de muitos intelectuais, escritores e artistas e relacionava-se com um grande à vontade entre todas as classes sociais. Em 1853 entrou como aluno na Academia Real das Belas Artes, que frequentou durante três anos. Então sob a direcção de Mariano Henriques da Silva, Professor de Pintura Histórica, Pereira Cão copiava do gesso, estudando Arquitectura com José da Costa Sequeira e Paisagem com Tomás José da Anunciação. Aos doze anos já se encontrava a trabalhar em companhia de outros pintores de Lisboa. Acompanhou o seu pai em várias campanhas arquitectónicas e decorativas sobretudo pelo Sul de Portugal (no Alentejo). Em 1854 matriculou-se no Instituto Industrial em Lisboa. Com vinte e cinco anos, em 1866, trabalhou nos restauros do Palácio da Ajuda, onde esteve durante três anos, decorações que tinham de estar prontas a tempo do casamento do Rei D. Luís I com a princesa italiana, D. Maria Pia de Sabóia. Em seguida passou para o Teatro de S. Carlos, como discípulo dos cenógrafos e pintores-decoradores Achilles Rambois (c. 1818-1882) e Giuseppe Luigi Cinatti (1808-1879), tendo-se tornado ajudante destes dois mestres italianos. No Inverno trabalhava no salão de cenografia do teatro e no Verão em importantes decorações de edifícios particulares dirigidas por aqueles dois artistas. Nessa época vieram para Portugal Angelo Sebastiani (ornamentista) e Joany (imitador de mármore e cunhado de Cinatti), que introduziu em Portugal os estuques polidos a ferro quente. Durante dezoito anos colaborou com os mestres Cinatti e Rambois, paulatinamente foi adquirindo a sua autonomia e o seu estatuto de pintor muito requisitado pela elite da segunda metade do século XIX e inícios do século XX: a família real, a antiga nobreza, os novos viscondes e barões, os grandes industriais e financeiros, os intelectuais e políticos abastados, médicos e juizes...

Quando veio pintar o Palácio de São Lázaro acabara de passar por uma prova. Em 1868 o mestre Cinatti atribuiu-lhe a decoração do palácio de Flamiano Anjos aos Restauradores⁹, em Lisboa. Cinatti emancipou-o das suas vistas e concurso, e incumbiu-lhe a exclusiva decoração das salas, mediante projectos seus. Cooperou, também, com os pintores Pierre Bordes, francês, e Procópio Ribeiro, num certame artístico. Pereira Cão venceu-os, conforme evidenciam as obras concluídas naquele palácio em 1868¹⁰. Verificado este triunfo, Cinatti indicou-o ao Visconde de S. Lázaro. E aqui temos o artista em Braga. O palácio entra então em grandes obras.



Fig. 9 – Vista parcial da pintura mural da escadaria. Foto DR.

Pereira Cão decora a entrada nobre e toda a caixa das escadas. Num palácio a ligação entre o andar térreo e o andar nobre é feita muitas vezes através de umas escadas de aparato, uma cenarização de estatuto social. As bem rasgadas escadas do palácio do Raio, possuíam a imponente figura do turco, lambrins de azulejo, vitrais multicoloridos e uma clarabóia.

A figura do turco apresenta-se vestindo calças largas, gilete fechado com laços, cinto apertado com borlas e turbante na cabeça. A mão direita segura uma espada e a esquerda uma luminária como que recebendo o visitante. Robert Smith define-o como integrante de um estilo novo “gordo no plasticismo em escala e vibrante no seu adorno”¹¹. A estátua parece estar a guardar o edifício, dada a sua localização estratégica, no eixo dos acessos aos espaços nobres do palacete.

⁹ Vide João Manuel Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues – *Portugal, Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Bibliográfico, Numismático e Artístico Ilustrado*. Lisboa: João Romano Torres, 1904-1915, Vol. V, pp. 635-638.

¹⁰ *Idem*, pp.635-638.

¹¹ Vide Robert C. Smith, *André Soares, Arquitectura do Minho*, Livros Horizonte, Março de 1973, p.9 e AAVV, *A Investigação na História de Arte*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2000.

Os painéis de azulejos da escadaria, com cercaduras em concheado *rocaille*, apresentam cenas de caça e cenas galantes. As cenas de caça mostram cenários e personagens exóticos na caça à avestruz, ao leopardo, ao javali e ao veado. As cenas galantes inspiram momentos idílicos, onde mulheres cortejadas por jovens surgem entre jardins e fontes de água.



Fig. 10 – Perspectiva geral dos tectos e cúpula da escadaria do Palácio do Raio. Foto: Braga Cool.

Num palácio a ligação entre o andar térreo e o andar nobre é feita muitas vezes através de umas escadas de aparato, uma cenarização de estatuto social. Toda a caixa das escadas é decorada pelo pintor Pereira Cão numa ilusória tapeçaria, nas duas paisagens de inspiração flamenga, nos ornatos e na presença da heráldica alusiva ao encomendador, as armas do Visconde de S. Lázaro brilhantemente executadas com as insígnias honoríficas. Braga nunca vira até então uma escadaria decorada desta forma.

Miguel José Raio introduz no palácio algumas alterações estilísticas. Entre elas, manda executar dois quadros de inspiração setecentista flamenga, que exibem paisagens bucólicas representando uma expressão naturalista de gosto erudito, e que podemos ver pintadas a fresco e envolvidas numa falsa moldura pintada nos dois lados da escadaria.



Fig. 11 – Tecto da Sala V com decoração vitoriana. Foto de Miguel Montez Leal.

No andar nobre, e passando um guarda-vento trabalhado com vidros *bisuté*, encontramos as actuais salas V e VI¹², que possuem os tectos sobreviventes das salas de aparato.

¹² Os números atribuídos às salas correspondem à actual musealização e organização do espaço do Centro Interpretativo das Memórias da Misericórdia de Braga instalado no Palácio do Raio.

Das alterações efectuadas por Miguel José Raio destaca-se este tecto, da actual Sala V do núcleo expositivo, em têmpera pintada sobre estuque que substituiu o tecto setecentista original. Apresentando uma decoração vitoriana, ostenta formas e contrastes policromáticos que compõem ramos de flores e pássaros, motivos néo-rocaille e medalhões centrais com bustos femininos ricos nos adereços.

A sala contígua, a actual Sala VI, possui um tecto pintado, que simula um tecido quadriculado. Ao centro motivos alegóricos, entre os quais, uma paleta de pintor, cavaletes, telas, coroas de louros, e à volta cartelas com paisagens marítimas idealizadas de inspiração romântica, envolvidas por ornatos em *trompe l'oeil*.



Fig. 12 – Pormenor da pintura de um tecto.
Foto de Miguel Montez Leal.



Fig. 13 – Tecto da Sala VI.
Foto de Miguel Montez Leal.

Nestes tectos, Pereira Cão exhibe os seus dotes de pintor que dominava os estilos artísticos com uma grande facilidade. Num palácio de raiz rococó, Pereira Cão introduz um gosto tardo-romântico, revisitando o século XVIII e as raízes e tradições da pintura europeia. E novamente introduz os pássaros e flores de que era um exímio especialista. Talvez o melhor trabalho deste palácio seja a pintura das escadas de aparato e toda a recriação teatralizada de heráldica festiva do seu proprietário, que exhibia orgulhosamente a sua ascensão social. Noutros palácios bracarenses, Pereira Cão vai dedicar-se com alma às escadarias nobres e às entradas de aparato, símbolo de estatuto social.

O Visconde de S. Lázaro morre subitamente (oficialmente solteiro e pai de vários filhos ilegítimos) com uma congestão, a 14 de Agosto de 1875, no Bom Jesus do Monte, ao ter notícia de que o seu sócio levara à falência os seus negócios no Pará e fugira para uma das repúblicas vizinhas do Brasil, deixando-o apenas detentor dos bens que possuía em Portugal.

S. Lázaro já não pode gozar, como mereceria, durante muito tempo o seu palácio renovado e sinal do sucesso que alcançara em vida. Mas ficou desta campanha um extraordinário edifício rico, arquitectónica e decorativamente,



Fig. 14 – Pormenor da pintura de um tecto. Foto de Miguel Montez Leal.

que, sendo pioneiro em Braga, quanto às suas pinturas decorativas, serviu de estímulo para que muitos outros o quisessem imitar e fizessem novas encomendas, contribuindo assim para que a pintura decorativa se fosse espalhando, e se fosse dando a conhecer numa cidade onde até então não era ainda muito abundante.

Miguel Montez Leal – Investigador integrado do Instituto de História de Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É Doutor e Mestre em História da Arte Contemporânea (UNL) e Licenciado em História (UNL). É pós-graduado no Ramo de Formação Educacional em História (UNL) e no Curso de Estudos Europeus – Dominante Jurídica pela Universidade Católica Portuguesa. Tem participado em variados congressos e colóquios de especialidade e possui vários artigos publicados em livros de actas e obras colectivas. Pertence ao Instituto Português de Heráldica.

